

Memória, língua e hermenêutica no filme *Star Gate* e em Jacques le Goff.

José Adilçom Campigoto¹

O trabalho do historiador com as fontes, a arte da interpretação² e a resolução dos enigmas que envolvem certos objetos formam um emaranhado intrigante em alguns filmes pertencentes ao gênero ficção. O ‘longa metragem’ *Star gate*, por exemplo, roteirizado por Dean Devlin e Rolland Emmerich,³ em 1995, pode ser considerado como desafio a discutir e delimitar os lugares da interpretação, da descrição, da resolução de enigmas e da compreensão. Filmes envolvendo tais temáticas tornaram-se fontes intrigantes, no âmbito das tendências historiográficas atuais, porque a necessidade de cotejar artifícios interpretativos torna-se tanto mais premente quanto mais o historiador voltar sua atenção para o campo dos significados. Tentaremos, aqui, estabelecer relações entre o *Star gate* e o oitavo capítulo do livro *História e memória*, de Jacques Le Goff, a fim de percebermos os procedimentos de construção do sentido efetuados, bem como as tradições nas quais estes objetos se dão ao conhecimento. Vale dizer que as duas fontes parecem montadas a partir da hermenêutica⁴ psicológica no que diz

¹ Doutor em história cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná, Campus de Irati. E-mail: ja.cam.pi@hotmail.com.

² Neste texto, interpretação e compreensão equivalem-se. Os dois termos são utilizados no mesmo sentido, seguindo a orientação de Hans-Georg Gadamer.

³ Os mesmos produtores de Independence Day. *Star gate*, filme dirigido por Rolland Emmerich.

⁴ Hermenêutica significa a arte da interpretação.

respeito à noção de memória, mas se observarmos o trabalho desvelamento de objetos e de situações cujo sentido é obscuro, sendo realizado por alguns dos personagens do filme, poderemos perceber diferenças procedimentais ilustrativas no âmbito da compreensão.

O filme, como já disse, parece enquadrar-se no paradigma dominante a partir do qual se concebe o fenômeno da memória. Evidentemente, podemos considerá-lo como texto pertencente ao gênero ficcional sem maiores discussões sobre os limites entre a ficção e a realidade, e, talvez, aí mesmo resida o desafio para a discussão a seguir.

A história contida na película inicia no ano de 1928, quando certo objeto enigmático, coberto por uma lápide, foi encontrado por arqueólogos americanos nas cercanias das pirâmides. O conjunto foi transportado para os laboratórios da força aérea norte-americana e estudado por longo tempo. Na lápide encontravam-se certos códigos escritos de difícil decifração. Não se tratava de texto completo e, por este motivo, não se conseguia visualizar-lhe o sentido.⁵ Era impossível imaginar as intenções do sujeito, uma vez que ninguém conhecia o autor do texto.⁶ Além disso, os elementos contextuais eram mínimos.

O contexto era obscuro para os especialistas do exército e, por este motivo, os caracteres não faziam sentido. A lápide servia como suporte para dois tipos de caracteres dispostos em linhas circulares: a escrita hieroglífica e outros traços desconhecidos que se repetiam no objeto. Este, em forma de anel gigantesco, datava de dez mil anos antes da era cristã, quando a civilização egípcia ainda nem existia. Por suposto, a escrita utilizada por aquele povo também nem fora inventada.

Numa das linhas circulares da lápide encontravam-se hieróglifos, com traçados clássicos deste modo de escrita.

⁵ O procedimento da hermenêutica filológica consiste em extrair o sentido de uma parte textual a partir do texto como um todo.

⁶ O procedimento psicológico de interpretação consiste em buscar o sentido do texto recorrendo aos interesses do autor.

A tradução do texto referia-se ao deus Rá⁷ e continha a palavra *Portão Estelar*. Rá era a divindade criadora do gênero humano nascida de um ovo, ligada ao sol e à arte de voar indicada por sua cabeça de falcão. Além disso, o material de que o objeto era composto não existe no planeta terra.

A outra linha era composta por caracteres que imitam letras de um idioma qualquer, mas desconhecido dos personagens envolvidos. Então, as metodologias hermenêuticas conhecidas⁸ falharam. A técnica psicológica foi descartada, pois os personagens não podiam imaginar a figura do autor. A filologia tornou-se insuficiente porque inexistia a totalidade textual, melhor dizendo, tratava-se de dois textos justapostos. O especialista em línguas desconhecidas, Daniel Jackson,⁹ contratado para decifrar o problema, malogra; mais tarde e, por acaso, depara-se com uma fotografia da constelação Orion estampada num jornal. Seus olhos treinados identificam o padrão dos caracteres encontrados na lápide, até então considerados como letras de alfabeto desconhecido. As letras eram esquemas de constelações.

O suporte no qual a constelação foi identificada merece atenção porque Jackson poderia tê-la divisado em outras bases, tais como livros, telas, mapas, álbuns e, mesmo, ao natural. O jornal pode ser considerado como ícone da cultura moderna em termos de comunicação escrita e visual, mas aquele periódico que alguém lê na banalidade cotidiana,

⁷ Rá era o deus do Sol representado por um corpo humano com cabeça de falcão e era considerado como o criador e regente do Universo. De acordo com o relato egípcio da criação, no princípio só existia o oceano. Rá, o Sol, nasceu de um ovo que apareceu sobre a superfície da água e gerou quatro filhos: *Shu* e *Geb* e as deusas *Tefnet* e *Nut*. *Shu* e *Tefnet* deram origem à atmosfera. *Geb* se converteu na terra, e *Nut* se converteu em céu. Era também chamado de *Amon* (oculto), como o deus sol e foi chamado *Amon-Rá* (pai dos deuses, criador do gênero humano, o senhor de tudo o que existe).

⁸ Os métodos hermenêuticos conhecidos, segundo Gadamer, são: o filológico, o psicológico e o contextual. A hermenêutica filosófica não é considerada como método.

⁹ Personagem vivido pelo ator James Spader.

neste caso, ofereceu o estímulo para a descoberta da chave do enigma: o símbolo que faltava para acionar o mecanismo de funcionamento do objeto: um portal que possibilita viagens 'interestelares'. A segunda linha do escrito, portanto, não se compunha de letras e sim por caracteres representando constelações, isto é, sinais gráficos a indicar o percurso da viagem espacial. O último grafema indica a origem ou o destino, lembrando a *lambda*, (Λ) undécima letra do alfabeto grego e a figura esquemática das pirâmides.

Jackson descobriu o símbolo faltante e pôs o portão em funcionamento, mas o procedimento efetuado por este personagem escapa aos métodos hermenêuticos conhecidos. Não se trata da filologia, da interpretação psicológica, nem da investigação contextual. Então, podemos nos perguntar pelo modo de interpretação, ou, até que ponto, ocorreu alguma interpretação, no procedimento investigativo executado por ele.

O personagem trabalha com letras, cifras códigos, escritas e mapas. Trata-se, portanto, de exercício sobre a grafia, mas o suporte dos caracteres não é comum: encontrado no Egito, deve ter vindo do espaço, uma vez que não há metal daquela qualidade no planeta terra. Mesmo assim, contém caracteres egípcios. Conectado aos computadores modernos, abre a passagem pela qual se envia uma sonda que responde por meio de informações sobre seu trajeto no espaço sideral. Compreende-se, então, que o mecanismo funciona, mas a resolução do problema suscita outras questões do tipo: Como veio parar ali? Qual o propósito? Alguma vez funcionou? Quando e porque parou de funcionar? O que há do outro lado? Como se vê, a resolução do problema, isto é, fazer o portal funcionar, gerou muitas questões novas, indicando que o mecanismo tem sentido, mas o acontecimento não.

A falta de sentido para o acontecimento indica, neste caso, a diferença básica entre a compreensão e a resolução de um problema.¹⁰ Pode-se dizer que o número de perguntas

¹⁰ Aristóteles afirmava que o problema só pode surgir quando não há discurso contundente e, por isso, pertence ao domínio dos discursos

não respondidas sugere o grau de compreensão (neste caso é mínimo) que se alcançou em relação ao fenômeno. Como diz Gadamer, a compreensão se efetua quando o sentido aparece, ou seja, quando o movimento que vai da parte ao todo e do todo à parte se completa. Pode-se dizer que a resolução do problema não exige, necessariamente, o movimento hermenêutico, uma vez que a solução pode realizar-se na parte. A pergunta pelo modo de interpretação efetuado no movimento de descoberta executado pelo especialista em línguas desconhecidas, Daniel Jackson, não caberá aqui, uma vez que não se efetuou nenhum movimento completo de compreensão. O portal aberto no limiar das estrelas é apenas parte da totalidade maior para a qual os autores do filme nos vão remetendo, pouco a pouco. Será necessário entrar com eles e fazer a viagem, porque o planeta terra transformou-se numa das partes da totalidade: terra e planetas desconhecidos ligados por um portal.

O personagem filólogo assegura, então, aos oficiais envolvidos na trama do filme que pode descobrir a fórmula para fazer retornar a patrulha formada por soldados do exército americano. O objetivo é realizar a viagem e ele irá acompanhá-los e o telespectador, também.

No outro lado, um planeta desconhecido em que habita civilização escravizada, submetida a certa regra enigmática em relação a qualquer símbolo, proíbe-se o ato de representar qualquer coisa por meio da escrita ou do desenho. O simples ato de rabiscar o chão pode ser punido com rigor pela autoridade ali constituída.

O planeta desconhecido encontra-se no outro lado do universo e, por força da lógica, a travessia do portal faz a situação inverter-se totalmente porque, lá, não existem textos; tem-se apenas a 'contextualidade'. A civilização encontrada também não pode ser tomada com signo, porque é pura presença, isto é, não existe o ausente, neste caso, o passado desconhecido. A memória daqueles sujeitos comuns

prováveis e não da ciência. É diferente da dúvida que, eliminada, é substituída pela crença; também difere da pergunta, porque, a questão perde o sentido quando respondida.

que ali viviam não poderia remeter-se aos começos da história. Dez mil anos os separam do acontecimento original. Não há escrita, desapareceu a memória, mas existem pirâmides, faraó e soldados vestidos como deuses egípcios; fragmentos esboçando o sentido ainda obscuro.

Por meio do contato com os nativos, Jackson descobre que o dialeto falado por aquele povo era originário do Egito Antigo e, logo depois, encontrou inscrições numa caverna contendo os mesmos caracteres semelhantes àqueles encontrados na terra. A confrontação desses vestígios permitiu a visualização da totalidade e a reconstrução da história daquela organização social. A língua falada naquela civilização era o elo ausente, a parte desconhecida e faltante para completar a totalidade de sentido. O idioma em si e não o conteúdo por ele veiculado.

Os escravos encontrados no outro lado do portal podem ser originários da terra e para ali conduzidos por um alienígena parasita cujo objetivo era escravizar e explorar outros povos. Intertextualmente tratar-se-ia da figura oposta à meta narrativa cristã, uma vez que nela o povo escolhido saiu da escravidão egípcia para a liberdade. No filme, o povo também teria saído do Egito, mas para a escravidão nas minas de *naquárdia*.¹¹ Jogo de oposições, projeções do horizonte terráqueo, construções de efeitos, resíduos históricos [...] Seja como for, a língua falada pelos nativos representa o elemento chave, não para fazer o objeto funcionar, mas para completar o movimento hermenêutico. Tal elemento propiciou o sentido ao evento porque permitiu o estabelecimento de conexões a uma tradição, um conjunto de sentidos, que é nosso horizonte de cultura cristã; mas esta seria uma interpretação contextualizada na nossa galáxia. Haveria, aqui, certo “*vialactocentrismo*”, porque, admitida a premissa de haver ocorrido viagens inter-estelares no passado, a terra deixa de ser, necessariamente, o lugar de origem da humanidade.

O idioma usado pelos escravos do outro lado apresenta-se como o último vestígio histórico, como marca da

¹¹ Metal imaginário.

identidade, como estrutura de uma memória corroída pelo tempo, como signo que remete à ausência da história. O dialeto egípcio é a parte do contexto que possibilita, neste caso, o movimento hermenêutico idealizado pelos autores do filme e efetuado pelo ator: trata-se da hermenêutica contextual ou romântica.

A língua é aqui entendida como a marca, ou a evidência da história comum de um povo. Trata-se de uma noção originária da Europa do século XIX, porque, então, a linguagem passou a ser vista não mais, “como um sistema de representações que tem o poder de recortar e de recompor outras representações; designa, em suas raízes mais constantes, ações, estados e vontades [...] A linguagem ‘enraiza-se’ não do lado das coisas percebidas, mas do lado dos sujeitos em sua atividade”.¹²

Então, a linguagem como sistema de representações tornou-se novo signo porque passou a representar algo ausente. Ela não se remete mais a determinado povo ou civilização devido ao grau de conhecimento atingido pelos sujeitos que a usam ou dela se utilizaram no passado, “[...] mas manifesta e traduz o querer fundamental daqueles que a falam [...]”.¹³ Como signo, “[...] torna visível a vontade fundamental que mantém um povo em vida e lhe dá o poder de falar uma linguagem que só a ele pertence”.¹⁴ A língua torna-se símbolo da história de cada povo, não somente como depositária da memória, mas como evidência incontestada de uma história comum.

A utilização deste conceito de linguagem no filme se traduz no fato de que os escravos do outro lado do universo viviam passivamente a dominação devido à falta de memória coletiva. Conforme a trama do filme, o explorador daquela gente manipulou-lhes as reminiscências, mantendo-os sob rigoroso controle em relação ao uso da escrita. Reunidos os

¹² FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p 305.

¹³ Idem. p 306.

¹⁴ Idem, ibidem.

fragmentos de memória e os conhecimentos das línguas, reconstituiu-se a história dos escravos e a extinção do cativo foi o resultado. Memória, linguagem e língua se equivalem sendo concebidas como instrumentos manipuláveis em função da tirania e libertação. Trata-se da concepção platônico-aristotélica de linguagem.

Pode-se inferir, então, que o próprio filme representa a manipulação da linguagem escrita e da memória conforme os padrões usuais na cinematografia norte-americana, mas mesmo que fossem outros os pressupostos ideológicos, o desfecho seria muito semelhante, senão, igual. Os libertadores dos cativos não seriam soldados norte-americanos, mas talvez, intelectuais orgânicos ou líderes populares, ainda que o paradigma da memória e da linguagem continuasse o mesmo. Pode-se depreender a abrangência deste paradigma, por exemplo, lendo-se o livro intitulado *História e memória*, de Jacques Le Goff. O autor fechou o oitavo capítulo de sua obra enunciando que, “[...] a memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão do homem”.¹⁵

No texto de Le Goff, a memória também equivale a um instrumento de libertação e opressão. Conforme o próprio autor, tal equivalência, talvez, se deva ao fato de que, “[...] todas as teorias que conduzem de algum modo à idéia de uma atualização mais ou menos mecânica dos vestígios mnemônicos foram abandonadas em favor de concepções mais complexas da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso.”¹⁶ Podemos dizer, ainda seguindo Le Goff, que tais concepções ‘mais complexas’ fundamentam-se no pressuposto de que a inteligência desempenha um papel ativo na construção do conhecimento.¹⁷

¹⁵ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3a ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994. p 477.

¹⁶ Idem. p 424.

¹⁷ A dinâmica da astúcia na constituição dos saberes é tese reforçada a partir do cruzamento interdisciplinar entre os estudos do fenômeno da memória, o campo da biologia, da cibernética e, principalmente, da psicologia.

A pressuposição da “memória ativa” foi interpretada por Le Goff que recorreu a uma suposta modificação observada nos ‘interesses relativos ao estudo da memória’, mudança de interesses cujo marco seria a década de 1950. Segundo o autor, nesta época adotou-se uma perspectiva mais teórica em relação à memória e,

[...] finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram quer a propósito da recordação quer a propósito do esquecimento [...] nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desse mecanismo de manipulação da memória coletiva.¹⁸

A recorrência do intérprete (Le Goff) aos interesses inconfessos, para explicar as atitudes individuais ou grupais, consiste na regra de ouro do método interpretativo chamado hermenêutica psicológica. O próprio nome do método às conjecturas dos psicanalistas e psicólogos é referido no texto do historiador francês. Trata-se de procedimento desenvolvido por Schleiermacher no início do século XIX, para a correta interpretação de textos. Segundo Gadamer, o método psicológico, assim como o filológico e o romântico, fundamenta-se no princípio básico de que toda compreensão se dá conforme o movimento que vai do todo à parte e da parte ao todo. A relação entre o todo e a parte chama-se círculo hermenêutico e funciona como mecanismo básico de toda compreensão.

Os antigos filólogos, por exemplo, ensinavam que a letra (vogal e consoante) é parte do sistema alfabético, donde, o alfabeto é o todo do qual a letra faz parte. A palavra é o todo, e

¹⁸ LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p 426.

a letra, parte; mas a frase é um todo em relação àquela palavra. Por fim, a frase é parte do todo textual. Considera-se o movimento que vai da palavra ou da oração ao todo textual e do todo textual à oração ou à palavra como a regra de ouro da hermenêutica filológica. Aqui se recorre ao todo textual para interpretar suas partes. A interpretação psicológica, porém, recorre a outros elementos.

Foi proposta por Friedrich Schleiermacher (1768-1834), que verificou a falha principal do procedimento filológico. Supunha que qualquer texto representa mais do que o seu conteúdo escrito, porque nenhum escritor transpõe para os textos todas as coisas por ele pensadas, exceto se o texto fosse escrito por um deus onisciente. Tal fenômeno acontece, segundo Schleiermacher, porque o ato de pensar é sempre mais rápido do que o de escrever e porque sempre filtramos nossos pensamentos antes de transferi-los ao papel. Concluía que a tentativa de compreender os fragmentos de texto a partir do todo textual, como fazem os filólogos, pode levar a uma série de mal entendidos. Para evitá-los, Schleiermacher propunha que o intérprete deveria tentar reconstruir o que passava na mente do autor no momento em que ele produzia seu texto. As intenções ocultas na mente do autor revelariam o significado objetivo de seu texto. Evidencia-se, deste modo, que os enunciados de Le Goff sobre a memória resultam da aplicação do procedimento psicológico. Afinal, o autor assegura que “[...] os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Ora, se as caladas e os olvidos históricos revelam mecanismos de manipulação da memória, supõe-se que alguém manipula e não expressa seu ato. Se assim procede, o faz por ter algo a esconder: os tais interesses inconfessos. Como se vê, o raciocínio é lógico, mas o procedimento psicológico foi desqualificado por outro hermeneuta, chamado Wilhelm Dilthey (1833-1912).

A hermenêutica psicológica recebeu várias críticas por parte de Dilthey, mas foi aproveitada por ele, em parte, na elaboração do método romântico de interpretação textual. Este procedimento interpretativo, talvez o mais utilizado

atualmente na área das ciências humanas, foi desenvolvido para superar os limites da compreensão psicológica.

A falha do psicologismo, detectada por Dilthey, consiste no seguinte: sempre podemos supor o que passava na mente de certo autor quando escrevia seus textos ou de um sujeito qualquer que empreende uma ação, mas jamais poderemos demonstrá-lo. Deste modo, os interesses dos autores e dos sujeitos sociais não passam de suposições construídas pelos intérpretes psicologistas no trabalho de elaboração dos sentidos.¹⁹

Dilthey tentava superar as deficiências do método psicológico, apontando que todo texto deve ser compreendido a partir do contexto em que foi produzido e esta metodologia interpretativa tornou-se conhecida como hermenêutica romântica ou contextual. A interpretação contextual de Dilthey dispensa, aqui, outros comentários por ser método bastante utilizado, principalmente, no âmbito da escrita da história.

Note-se, no entanto, que a prática de relacionar textos e acontecimentos aos seus contextos não suplantou totalmente a interpretação psicológica. Talvez tenha reforçado-a, especialmente, nos estudos relativos à memória porque os interesses individuais e grupais não excluem os contextos. Em outras palavras, as supostas intenções dos sujeitos podem definir-se dentro de determinados cenários supostos pelos intérpretes.

O texto de Jacques Le Goff parece ser um bom exemplo de aplicação da hermenêutica psicológica reforçada pela interpretação contextual a começar pela explicação que o autor forneceu sobre as modificações ocorridas, na década de 1950, no campo de estudos sobre a memória. Afirma que, na Europa desta época, “houve uma mudança de interesses [...]” E desta parte do texto intitulado como *História e memória* em diante, as intenções dos autores e dos grupos, das classes sociais e dos governantes tornam-se o todo que confere

¹⁹ Michel Foucault nomeou tal procedimento como ‘hermenêutica da suspeita’ porque o intérprete toma a suposição como elemento.

sentido às partes, no caso, às teses sobre a memória. A tese de que se modificaram as intenções possibilita a compreensão do significado das jogadas de manipulações possivelmente efetivadas no campo das recordações e das celebrações; os laços de registros e de esquecimentos.

Conforme o texto de Le Goff, “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam a sociedade”.²⁰ A suposição é coerente e proporciona a completude “do sentido” dos textos e dos acontecimentos analisados porque a aplicação do pressuposto psicológico resulta sempre em explicações lógicas, coerentes, plausíveis e esclarecedoras, mas isso não é tudo.

O autor levantou, ainda, vários casos históricos ilustrativos, reforçando o pressuposto. No âmbito, por exemplo, das relações entre cultura oral e cultura da escrita, apontou que, “[...] o primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento - aparentemente histórico - à existência das etnias e famílias, isto é, dos mitos de origem”.²¹ Relaciona, por isso, o cultivo da memória aos interesses de poder mantidos e desenvolvidos pelos povos e clãs do Vietnã, do Congo, da Nigéria e de Gana do Norte.

A tese é aprofundada ao longo do escrito, mas com a devida precaução que as generalizações exigem dos textos sérios. Deste modo, encontramos o argumento de que, “nas sociedades sem escrita a memória coletiva *parece* ordenar-se em torno de *três grandes interesses*: a idade coletiva do grupo [...] o prestígio das famílias dominantes [...] e o saber técnico”.²²

Apliquemos o pressuposto, sob a forma de ilustração, e encontraremos, por exemplo, explicações plausíveis para a preservação de algumas narrativas ocidentais em nossa memória. Concluiremos que se preservou, digamos, a história

²⁰ LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p 426.

²¹ Idem. p 428.

²² LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p 431, sem grifos no original.

de *Kronos* devido a algum interesse dos chamados povos ocidentais quanto à manutenção do princípio hereditário e a transmissão do poder no âmbito das famílias dos governantes nos regimes monárquicos. O deus do tempo representava a negação da hereditariedade já que devorava seus filhos e com isto, conservava seu posto no trono. Sua derrota assegurou o direito de herança. A tragédia divina servia como modelo. O interesse da realeza dá sentido à memória do trono.

Se aplicarmos a mesma interpretação psicológica sobre a cultura guarani, as narrativas dos jaguares, igualmente, teriam sido cultivadas devido às intenções das tribos guaranis de serem consideradas como mais fortes do que outros nativos. O jaguar é o maior felino das Américas e na língua dos índios guarani, *jaguar* significa aquele que nos devora. Os guaranis consideravam-se descendentes diretos deste animal, portanto, identificavam-se como devoradores de seus inimigos. A memória da serpente negra também teria sido preservada entre os indígenas de sangue tupi devido a interesses idênticos. A *mbóia* pode engolir o *jaguar*. Ela é a mãe dos tupis.

A *mboiuna*²³ e o *jaguetê*²⁴ são figuras da tradição indígena, mas pertencem ao nosso horizonte de compreensão, ou então, não poderíamos compreendê-las; entretanto, nas narrativas dos não índios o tema da antropofagia indígena, por exemplo, prevalece sobre estas entidades. Se aplicarmos novamente a interpretação psicológica, concluiremos que, devido aos interesses econômicos, políticos e religiosos, nós, portugueses, e/ou seus descendentes relegamos a memória do *jaguar* e da *mbóia* ao esquecimento e retivemos as histórias e notícias sobre a antropofagia indígena que, até hoje, circulam em nossa cultura.

Todas estas ilações constroem-se de acordo com fórmulas lógicas, mas não passam de felizes idéias diante do requerimento de qualquer prova demonstrativa sobre os seus fundamentos. A falta de elementos comprobatórios persiste

²³ Serpente negra, jibóia.

²⁴ Onça grande.

no fazer interpretativo psicológico enquanto os interesses são não expressos literalmente. A fórmula psicológica para a interpretação da memória nos força a imaginar e pressupor os interesses ocultos dos sujeitos e a recorrer aos possíveis empenhos inconfessos e escusos desses mesmos sujeitos quando não conhecemos texto ou documento nos quais se expressem tais desejos. É o caso da interpretação usual que se faz sobre o encontro entre a cultura lusitana e a indígena, especialmente, tupi e guarani. Não há documento comprovando textualmente que os portugueses tinham o propósito de esquecer a cultura indígena porque lhes interessava se mostrarem superiores aos nativos. Os intérpretes, que assim se manifestam sobre o assunto, supõem que tal intenção encontrava-se na mente dos colonizadores, mas disto não se conclui que as intenções dos conquistadores eram boas. Tal tese seria igualmente indemonstrável. O dado é a dificuldade para comprovar as intenções dos outros quando não aparecem na textualidade. O fenômeno é a fragilidade argumentativa para falar de manipulação da memória e da linguagem e, desta forma, esboçam-se algumas relações fundamentais entre a escrita, a memória e a interpretação.

Algumas destas afinidades foram destacadas por Jacques Le Goff sob a alegação de que a invenção da escrita liga-se a profundas transformações da memória coletiva. O autor ressalta que a utilização de figuras em função do entendimento entre os seres humanos, por exemplo, produziu duas formas de memória: a comemoração e o documento.

Este intérprete, como vimos, tentará reconstruir a constelação de motivos, desejos, aspirações, objetivos e intenções dos grupos que celebram os acontecimentos memoráveis. Diante de um texto ou outra fonte documental, procederá da mesma forma, reconstruindo os pensamentos daqueles que deram caráter de monumento ao documento.

O autor aplica seu método hermenêutico à 'história geral da humanidade', demonstrando que,

As grandes civilizações, na Mesopotâmia, no Egito, na China, e na América pré-colombiana, civilizaram em primeiro lugar a memória escrita no calendário e nas distâncias [...] Memória urbana, memória real também [...] O rei em pessoa desdobra um programa de memorização, de que ele constitui o centro, sobre toda a extensão na qual tem autoridade.²⁵

Uma lista de exemplos históricos de reis construtores da própria memória desenrola-se a seguir e tal cadeia de modelos permitiu-lhe concluir que o surgimento da escrita propiciou a “memorização pelo inventário, pela lista hierarquizada” e que a escrita “[...] não é unicamente uma atividade nova de organização do saber, mas um aspecto da organização de um poder novo”.²⁶

Se bem compreendo o texto, devemos concluir que estes reis faziam preservar sua memória a partir dos interesses reais, isto é, de uma “vontade de poder”. Então, poderíamos presumir, conforme a interpretação psicológica, que o domínio das técnicas gráficas provocou outras possibilidades de ação no campo da luta pela memória e pelo esquecimento. Canalizou, também, os interesses de grupos contrários ao rei como ocorreu no caso “clássico” apresentado por Paul Veyne sobre “[...] a *danatio memoriae* que faz desaparecer o nome do imperador defunto do documento”.²⁷ Na interpretação psicológica da história romana, o senado e o rei defendiam seus próprios interesses. Assim, Le Goff sustenta que o memorial régio nos leva à fronteira onde a memória se torna história. Pode ser que, no entanto, o autor de *História e memória* considere a recordação escrita menos manipulável ou menos determinada pelos interesses de seus produtores do que a memória transmitida em forma oral, pois conclui que a grafia da memória provocou reações tais como

²⁵ LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p.p. 433 – 434.

²⁶ Idem 436.

²⁷ Caso apresentado no texto de Le Goff em que ocorreu a confiscação da memória coletiva pelos imperadores romanos, nomeadamente pelo meio do monumento público e da inscrição. Mas o senado romano encontra uma arma contra o poder imperial: a danação da memória do imperador. Ver, Idem. p 442.

a eliminação dos vestígios das lembranças como ocorreu no *Star gate*.

A vulnerabilidade da memória é questão das mais interessantes, mas recordemos a tese de Pierre Janet, inserida, também, no texto de Le Goff. A afirmativa consiste em que “o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo que se caracteriza antes de mais nada pela função social, pois que é comunicação a outrem, na ausência do objeto que constitui seu motivo”.²⁸ Janet dirige a discussão para outros aspectos da memória e Le Goff segue-o, prontamente, acrescentando que “[...] a atividade mnésica fora da escrita é uma atividade constante não só nas sociedades sem escrita como nas que a possuem”,²⁹ mas a sociedade imaginada por Dean Devlin e Ronalld Ememrich é o contraponto. Ali, a memória foi reduzida ao dialeto.

O aspecto comunicativo da memória e sua disseminação geral, fora do âmbito da ficção, pode ser indício claro de que ocorre a redução do fenômeno sempre que a ‘língua’ e a ‘memória’ são tratadas como práticas subordinadas à livre manipulação. Em *Star gate*, por exemplo, a língua é reduzida a simples traço da memória, vestígio singular, próprio ao resgate da identidade histórica de um povo. Ela é o elemento último do contexto e que tornou possível a reconstrução histórica do portal para a compreensão do acontecimento. O sentido brotou da construção contextual (hermenêutica romântica) e evidenciou, prontamente, que tudo ocorreu em função dos interesses da raça alienígena: escravizar um grupo de terráqueos. Logo, a interpretação psicológica nada faz além de reforçar a compreensão contextual, tornando equivalentes os termos língua, memória e linguagem. Tal equivalência se dá no sentido de que se trata de instrumentos manipuláveis.

A articulação desta temática com o fazer interpretativo na perspectiva ontológica da linguagem,³⁰ todavia, expande

²⁸ Idem. pp 424 – 425.

²⁹ Idem. p 427.

³⁰ Na esteira da hermenêutica gadameriana a linguagem não é tida como instrumento, mas como lugar em que os seres se dão a conhecer.

o problema, evitando as fragilidades do psicologismo e do contextualismo. As interpretações psicológica, contextual e filológica pertencem à grande tradição ocidental platônico-aristotélica e comportam o conceito dialético de linguagem. Estes filósofos gregos consideravam a elocução como instrumento manipulável, ou seja, advogavam que a linguagem poderia ser modificada livremente para que o sujeito comunicasse seus pensamentos. Tal pressuposto caracteriza-se pela separação entre os mundos: da palavra, do objeto e das intenções como depreendemos do *Star gate* e, ainda, do próprio texto escrito por Le Goff.

O historiador francês argumenta que, em dado momento da história humana ocorreu certa separação entre a memória das palavras e a memória das coisas. Na reconstrução histórica de tal disjunção entre a lembrança dos vocábulos e a recordação dos eventos, ele mesmo inicia, não por acaso, recorrendo a Platão e a Aristóteles; a partir do *Teeteto*³¹ argumenta que tais pensadores separavam *mneme* e *mamnesis*. Como a primeira é a faculdade de conservar o passado e a segunda consiste no poder de evocar voluntariamente as coisas pretéritas, a memória passou a ser concebida como ferramenta. Cícero e Simônides, igualmente, teriam contribuído para demarcar as fronteiras entre a memória das coisas (*memoria rerum*) e memória das palavras (*memoria verborum*).

Trata-se de uma distinção importante vinculada à noção da linguagem instrumental que predominou quase inquestionável, no ocidente, até o século XX, mas então, alguns estudos sobre filosofia da linguagem demonstraram a incoerência da tal perspectiva. Nas reflexões desenvolvidas por Edmund Husserl, Ludwig Wittgenstein, Martin Heidegger, Michel Foucault, Hans-Georg Gadamer, Jürgen Habermas e Gianni Vattimo, entre outros, fica evidente a tese de que a linguagem não é um simples instrumento a serviço da comunicação humana, no sentido de que podemos nos servir dela de maneira totalmente inusitada. A perspectiva

³¹ Livro atribuído a Platão.

instrumental, além de ser equivocada, representa sua própria impossibilidade porque a elocução não opera pelo modo dialético, uma vez que os sujeitos não podem ter êxito imediato ao inventarem outra linguagem, totalmente nova, para comunicar o sentido das coisas. A comunicação somente efetua-se onde existe a pré-compreensão, onde existem horizontes de sentido, isto é, tradições³². Ou seja, alguém pode até inventar a linguagem com palavras e códigos totalmente desconhecidos, desrespeitando todas as regras de fala e de escrita, mas se tentar expressar-se, a comunicação malogrará. O palavreado inventado somente será compreendido se convertido, isto é, traduzido para o mundo lingüístico do outro.

Isto significa dizer que tanto a linguagem quanto a memória não podem ser manipuladas de acordo com a vontade do falante. Para usar uma expressão heideggeriana, a linguagem é ferramenta de que disponho e sim o lugar onde os seres se dão a conhecer.³³ Portanto, a distinção entre memória das palavras e das coisas tornou-se insuficiente para a compreensão da construção dos sentidos do passado, uma vez que, nenhuma memória pode ser comunicada fora da linguagem. O filme *Star gate* serve muito bem como contraponto a esta discussão porque formatado segundo a noção instrumental da linguagem. Ali, a memória preservada durante aqueles dez milênios de escravidão dos habitantes do outro lado do universo, era a própria língua por eles falada. O reconhecimento do dialeto egípcio, por parte do antropólogo, possibilitou a reconstrução da história dos escravos e da exploração. Imediatamente, a rebelião se fez acontecimento. A língua/instrumento de libertação.

O simples contato com a memória original desencadeou a energia suficiente para demolir o poderoso império que poderia ter resistido a qualquer tentativa anterior de insurreição. Na história, tornada filme por Rolland

³² Entenda-se tradição como saberes transmitidos.

³³ A linguagem é o lugar onde os seres se dão a conhecer, isto é, o espaço em que as coisas se dão à existência.

Emmerich, a reminiscência pode ser manipulada segundo os interesses de exploração e libertação, mas nada aparece no desenrolar do filme indicando a possibilidade da ocorrência de tais experiências libertadoras, anteriormente, porque a 'civilização sem memória' é um dos temas tratados ali. Esta falta de referência a experiências anteriores nos faz pensar sobre a memória, a tradição, a construção dos sentidos e a interpretação porque há no filme uma relação mecânica entre liberdade e memória. Se aquele povo era escravizado porque não tinha memória de sua história, como pode resgatar a memória da libertação e da liberdade? Há dez mil anos viviam em regime escravo [...] Não há notícias de rebeldia [...] Então, como tal memória poderia ter-se conservado? Deveria haver alguma palavra com o sentido de liberdade e revolução no dialeto egípcio falado por aqueles escravos, pois do contrário as ações e os modos de ser que termos desta natureza evocam não fariam sentido algum. Seria possível que um povo vivendo tanto tempo a mesma organização social, sem conhecer o diferente, começasse outro modo de vida, completamente inusitado, devido ao resgate da memória, ou imediatamente após o contato com outra civilização. No filme poderia insinuar-se a existência uma espécie de memória biológica ou genética da liberdade e da autodeterminação na raça humana. O filme *Star gate*, assim como o texto de Le Goff, nos permite detectar traços do idealismo e do psicologismo.

De fato, o idealismo pressupõe que o espírito de liberdade habita em cada ser humano porque a liberdade é a essência do Espírito. Neste caso, basta ativar a memória e evitar a sua manipulação para que o espírito desenvolva-se. O que acontece, porém, quando a memória não existe ou foi perdida? Basta algum traço sutil como alguma voz reproduzida no tempo (dez mil anos), algum jeito de falar, algum *flatus vocis*, alguma marca perdida na câmara do tempo do outro lado do universo (a terra) e tudo se ativará. A experiência se aprende porque aqueles escravos não sabiam ler, e lá estava o especialista em línguas: não sabiam guerrear, e lá se encontrava a patrulha da força aérea para ensinar. O interesse alienígena em manter o domínio pela supressão

da memória desmorona com a pirâmide que lhe serve de abrigo e as máscaras de deuses usadas pelos seus soldados. O psicologismo, por sua vez, reafirma-se na tese de que a linguagem e a memória podem ser manipuladas de acordo com as intenções dos sujeitos.

A aplicação da hermenêutica histórica evita o psicologismo e o idealismo identificando e evidenciando as tradições lingüísticas nas quais os seres se dão a conhecer. Suspende as explicações que recorrem aos interesses dos sujeitos, sempre apontados a partir de suposições. Então, não se trata de dizer que Emmerich agia a partir do mesquinho interesse de fazer uma catequese sobre a democracia americana ou sobre a força libertadora da memória e da história. Afinal, eles poderiam ter como objetivo apenas ficarem famosos, ganhar dinheiro, fazer arte, exercer a profissão ou mesmo, fazer o filme por amor ao cinema.

A hermenêutica filosófica desloca estas questões porque a língua e a memória, a escravidão e a libertação, o ideal e o psicológico, o ficcional e o real se dão a compreensão na linguagem e pela linguagem.

Referências

- AGUIAR, Flávio. (Org.) *Gêneros de fronteira – cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- BURKE, P. (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GADAMER, Hans-George. *Verdad y metodo*. V. I, II, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993.
- HEIDEGGER, M. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa: Passagens, 1999.
- OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: nulismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

José Adilçon Campigoto

Memória, língua e hermenêutica no filme *Star Gate* e em Jacques Le Goff

José Adilçon Campigoto

Resumo: Língua, linguagem, texto e memória fazem parte do material básico com que o historiador trabalha. Circulam nos limites existentes entre os referenciais teóricos e metodológicos, mas na perspectiva hermenêutica, tais objetos se dão a conhecer no âmbito mesmo da linguagem. Neste escrito, tentou-se investigar o movimento interpretativo que confere sentido a estes termos, tomando como objetos de investigação o filme *Star gate* e o oitavo capítulo da obra *História e memória* de Jacques Le Goff.

Palavras-chave: hermenêutica; memória; história; decifração; compreensão; língua.

Abstract: Language, text and memory are part of the basic material with which the historian works. They circulate in the limits between the theoretical and methodological reference, but in the hermeneutic perspective, such objects let themselves be known in the same scope of the language. In this text, we try to investigate the interpretative movement that confers sense to these terms, investigating the motion picture *Star gate* and the eighth chapter of Jacques Le Goff's *History and memory*.

Key Words: hermeneutics; memory; history; deciphering; understanding; language

Artigo recebido para publicação em 10/05/2007

Artigo aprovado para publicação em 19/06/2007